

Política social não avançou

30-04-74

2-12-79

A questão social avançou muito pouco durante o regime militar. A opinião é dos ex-ministros Roberto Campos e Ernane Galvêas e de economistas que faziam oposição ao regime. A economista Maria da Conceição Tavares critica o fato de os militares terem engavetado o projeto do presidente Juscelino, de criação de 50 agrovilas entre Brasília e a Amazônia:

— Se os militares tivessem feito a reforma agrária, não se jogariam 500 mil nordestinos por ano em cima das megalópoles. Se tivessem feito, não dava o Lula nem a Erundina.

Roberto Campos reconhece que as políticas de educação básica, reforma agrária e planejamento familiar fracassaram. A população mais do que dobrou em 30 anos. Foram justamente as políticas nestas áreas, além de importantes avanços na informática e na eletroeletrônica que permitiram aos tigres asiáticos — como Coreia e Taiwan — fazerem o seu “milagre” nos anos 80, com superávits comerciais cada vez mais elevados, avalia o ex-ministro.

E justamente a tese de como chegar ao desenvolvimento que dividiu o país depois do movimento militar. Delfim Netto era um dos que, na época, defendia a tese de se combater a inflação com crescimento. Hoje, ele diz que esta tese nunca existiu. E rebate, ao seu estilo, as críticas de que o país não se ajustou adequadamente à crise do petróleo:

— Se deixássemos de importar



Os ex-ministros Simonsen e Delfim

petróleo, isto aqui ia virar taba de índio de novo.

O ex-ministro do Planejamento dos Governos Médici-Geisel, João Paulo dos Reis Velloso, confirma que havia um modelo de desenvolvimento que vinha desde os anos 50. Naquela época, com ênfase para indústria automobilística e construção naval. No período 60/64, era a vez dos bens de consumo duráveis, construção civil e infra-estrutura (energia elétrica, transporte e comunicações), diz ele. Nos anos 80, no entanto, o modelo desenvolvimentista já estava esgotado e não foi substituído.

— Fala-se em competitividade, mas não há um projeto — afirma aquele que comandou o Planejamento durante dez anos, atravessou a fase do “milagre” e perdeu no poder até a segunda crise do petróleo.

O ex-ministro, que foi muitas vezes acusado de dar as costas para o ajuste que o mundo inteiro fazia à crise do petróleo, avalia hoje que não havia condições de se aplicar uma recessão no país naquele momento.

— Mesmo sem a recessão, o Governo perdeu a eleição em 1974 e o MDB fez 16 governadores. O jeito foi optar por um freio gradual no crescimento — afirma. Reis Velloso diz que só não entende porque, mais tarde, o ministro Simonsen resolveu meter novamente o pé no acelerador e elevar a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 5% para 8,5%. E contabiliza para ele mesmo, Velloso, os louros do II Programa Nacional de Desenvolvimento (PND). Foi graças a ele, diz, que o país conseguiu obter US\$ 12 bilhões de superávit comercial em 1984.

Para José Serra (deputado pelo PSDB-SP e presidente da União Nacional dos Estudantes-UNE em março de 64), não há mérito em se avaliar o projeto desenvolvimentista dos militares.

— O que houve foi uma continuidade desse projeto. A novidade foi a intervenção do Estado no mercado de trabalho — diz.

O economista Paul Singer, professor da Universidade de São Paulo, é enfático ao lembrar que a maior desigualdade de renda ocorreu durante o regime militar.

— O Congresso estava lá apenas



Eugênio Gudin e Gouvêa de Bulhões

para dar o carimbo a estas políticas. Havia um impasse da inflação que não conseguia se estabilizar e, com o golpe, a resistência ao arrocho salarial foi reduzida a zero — afirma. Em seguida, ele diz que o “milagre” brasileiro agradou a classe média, “que adquiriu um padrão de vida europeu”.

— Já na fase de 1979 a 1983, na redemocratização, houve recuperação salarial com uma política redistributiva — analisa, concluindo em seguida que, o mais curioso, na sua opinião, é que os militares deixaram o poder com o país no mesmo impasse em que estava no fim do Governo Jango:

— O quadro era muito parecido, com estagflação, ou seja, inflação e estagnação econômica — conclui Singer.